



INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
data _____/_____/_____
cod. 13 D 00 121

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

COMISSÃO DE DEFESA DO MEIO AMBIENTE DA ALERJ

## DESMATAMENTO, MALÁRIA E LEISHMANIOSE NO RIO DE JANEIRO

1. A Fundação SOS Mata Atlântica e o Instituto Sócio Ambiental – I.S.A, divulgam os dados do desmatamento da Mata Atlântica entre 1990 e 1995 baseados em dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE que revelam que o Rio de Janeiro era o campeão nacional do desmatamento;
2. Recentemente as mesmas entidades apresentam novos dados relativos ao período 1995/1997, que em conjunto com os anteriores são objetos da Audiência Pública da Comissão de Defesa do Meio Ambiente da Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. O objetivo é identificar as causas e propor soluções para que o Rio deixe de desmatar o pouco que resta de sua Mata Atlântica;
3. A Comissão de Defesa do Meio Ambiente da ALERJ decidiu fazer um levantamento de dados junto às Secretaria Estadual e Municipal de Saúde, a Fundação Nacional de Saúde – F.N.S e à FIOCRUZ acerca de ocorrência de doenças transmitidas por mosquitos (vetores) e que a literatura médica internacional relaciona com o desmatamento, como uma de suas origens explicativas (há outras);
4. Os dados relacionados nas tabelas abaixo apresentam de fato forte correlação entre os casos de malária e de leishmaniose no Estado, Município e bairros com as áreas que sofrem maiores taxas de desmatamento;
5. No caso de malária a correlação é total, mesmo tendo em conta o pequeno número de casos (7). Dos 3 grupos de municípios com maiores taxas de desmatamento no período 95/97, 02 deles concentram 100% dos casos de malária registrada no 1º semestre de 1998;



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

6. No caso de leishmaniose no Município do Rio de Janeiro a correlação é muito forte. Dos 251 casos registrados em 1997 em 26 regiões administrativas 180 o foram em 3 delas, a saber: Jacarepaguá, Bangú e Campo Grande – bairros de Zona Oeste que concentram amplamente o desmatamento sobretudo na área do entorno do Parque estadual da Pedra Branca.
7. Estes 3 bairros em conjunto tiveram uma evolução de casos de 9 (em 1995) para 52 (em 1996) e 180 (em 1997) com aumento de 20 vezes em 3 anos. Eles constituem a área da Região Metropolitana de maior desmatamento no período.
8. Os 16 municípios com maiores índices de desmatamento no período 1990/1997, no seu conjunto, em relação aos 90 municípios do Estado acumularam no período cerca de 70% dos casos de leishmaniose do Estado.
9. Esta correlação não é automática, nem a única causa das doenças é o desmatamento. Mas esta forte relação mostra que além da erosão, das alterações no micro-clima, na afetação dos recursos hídricos, a saúde da população também depende da reversão desta criminosa destruição do que resta da Mata Atlântica.

**Rio de Janeiro, 13 de Novembro de 1998.**

**Carlos Minc**

**Deputado Estadual**

**Presidente da Comissão de Defesa do Meio Ambiente da ALERJ**

**DESMATAMENTO, DOENÇAS TRANSMITIDAS POR VETORES E ZONOSES: UMA POSSIBILIDADE DE ASSOCIAÇÃO**

Na natureza, no ecossistema natural, as comunidades de seres vivos se inter-relacionam de maneira equilibrada e mantêm mecanismos que asseguram a estabilidade dos sistemas ecológicos.

Quando o homem interfere nas regras do jogo do ecossistema, essas relações sofrem um desequilíbrio e passam por um processo de evolução nem sempre positivo. Torna-se, portanto, prisioneiro de sua própria armadilha, por ser, simultaneamente, agente e sujeito dessas transformações.

No processo predatório de colonização, o homem invade o "habitat" de outras espécies, estabelecendo íntimas condições de contato com outros animais e fazendo com que determinados germens causadores de doenças apenas nesses animais se adaptem à espécie humana, que são transmitidos através da água, do ar, dos alimentos, da mordida e da picada de insetos.

Frente à re-emergência de doenças transmitidas por vetores e zoonoses é necessário identificar os fatores ambientais, sociais e históricos que determinam a instalação e propagação dessas endemias.

Assim, os desmatamentos como modo de ocupação da terra, associados a outros fatores como as migrações, os tipos de habitação e as condições sanitárias gerais, assumem uma relevância que merece uma atenção especial por todos os que se interessam por essas questões.

Nesse relatório, não tivemos a pretensão de elaborar um trabalho científico. Mas apenas de apontar algumas aproximações entre o desmatamento e as doenças que nos chamaram a atenção, certos de que há um longo caminho a percorrer. Caberá, então, aos pesquisadores, desenvolverem trabalhos que possam trazer respostas à magnitude e gravidade dos problemas a serem enfrentados.

Conforme demonstram alguns estudos, uma das vertentes da discussão sobre as conseqüências dos desmatamentos, embora não sendo a única, passa pela associação com o recrudescimento de focos de doenças transmitidas por vetores e zoonoses.

Desse modo, tomamos como exemplo a Leishmaniose Tegumentar Americana e a Malária, por serem doenças relacionadas à penetração do homem em focos silvestres, para contrapor as áreas onde houve desmatamentos e as localidades de ocorrência dessas doenças no Estado do Rio de Janeiro. Como tentativa de estabelecer alguma aproximação entre esses fatos, embora conscientes de que não há uma relação direta de causa e efeito.

A Leishmaniose é uma zoonose causada por "leishmanias" (protozoários flagelados) e transmitida através de várias espécies de "flebotomíneos" (mosquitos). Podem causar grandes deformidades no homem.

De acordo com dados obtidos nas Secretarias Estadual e Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, na Fundação Nacional de Saúde (FNS) e no Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), das seis grandes áreas de desmatamento em municípios do Estado do Rio de Janeiro, ocorridas no período

95/97, três delas (50%) coincidem com localidades onde houve um número significativo de casos de Leishmaniose, principalmente nas regiões de Paraty e Angra dos Reis (Tabela I).

Em relação ao município do Rio de Janeiro, fica evidenciado que a região do maciço da Pedra Branca, onde perdeu-se grande extensão de Mata Atlântica, corresponde o maior foco de Leishmaniose na cidade, cerca de 80% dos casos, à Zona Oeste – Jacarepaguá, Bangú e Campo Grande (Tabela II).

Em relação à Malária, doença causada por três espécies de plasmódios (protozoários) – *P. malariae*; *P. vivax* e *P. falciparum* e transmitida por mosquitos anofelinos, fonte do Ministério da Saúde mostrou que em 1993, 99,2% dos casos foram registrados na Amazônia Legal. Os outros 0,8% restantes foram identificados nas demais regiões e considerados como casos importados.

Em nossa pesquisa junto a Fundação Nacional de Saúde – Regional do Rio de Janeiro, com o Dr. Walmir José Barroso (Coordenador para Malária) e na Secretaria de Estado de Saúde, com o Dr. Gualberto Teixeira Santiago (Assessor para Doenças Transmitidas por vetores e Zoonoses), foi-nos informado que:

- em 1997, houve o registro de quatro casos em Maricá, sendo que um deles foi importado e os outros três introduzidos.

- Em 1998, foram registrados dois casos em Friburgo, um caso em Cachoeira de Macacú, um caso em Teresópolis e três casos em Angra dos Reis (um no Perequê e outro na Ilha Caieira). Todos os casos são, à princípio autóctones, pois não há evidências de casos importados na região e nenhum dos casos sofreu transfusão sanguínea, outra forma de transmissão da doença.

- Ainda em 1998, outros três casos foram notificados na região da Bocaina (Mata Atlântica entre os Estados do Rio de Janeiro e São Paulo) onde há focos naturais da doença.

É difícil afirmar que há uma correlação direta entre os desmatamentos e o reaparecimento dessas doenças, até porque elas existem em regiões de colonização antiga, não associadas à derrubada de matas.

Mas, pode-se pelo menos suspeitar que há fortes indícios de que esse é um dos caminhos que valem a pena ser desnudados, para que se possa entender, enfrentar e minimizar o impacto dos desmatamentos sobre o homem e o meio-ambiente.

Em 13/11/98

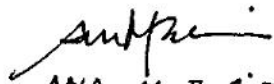
  
ANA M. B. CIRNE  
MÉDICA SANITARISTA  
COMISSÃO DEFESA DO  
MEIO AMBIENTE - ALERJ



Fig. 5 - Lesão úlcero crustosa



Fig. 6 - Lesões disseminadas

Fonte: Guia de Controle da Leishmaniose Tegumentar Americana,  
Ministério da Saúde - Fundação Nacional da Saúde, Brasília, 1974



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
**RELAÇÃO ENTRE ÁREAS DE DESMATAMENTO E  
DOENÇAS TRANSMITIDAS P/VETORES NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

PRINCIPAIS LOCALIDADES ONDE HOVE DESMATAMENTO DE 1990 A 1997	TABELA 2 NÚMERO DE CASOS DE LEISHMANIOSE (FONTE 3)		
	1995	1996	1997
<b>MUNICIPIO DO RIO DE JANEIRO (FONTE 3)</b>			
JACARÉPAGUA	02	08	62
BANGÚ	03	09	57
CAMPO GRANDE	04	35	61
<b>SUB-TOTAL</b>	09	52	180
<b>TOTAL DE CASOS NO MUNICIPIO DO RIO DE JANEIRO</b>	38	70	251
GRUPO DE MUNICIPIOS COM MAIOR INDICE DE DESMATAMENTO	TABELA 1 NÚMERO DE CASOS DE LEISHMANIOSE (FONTES 1 E 2)		
	1995	1996	1997
RIO CLARO / VOLTA REDONDA / PIRAI	03	02	04
ANGRA DOS REIS	33	21	07
PARATY	49	57	53
FRIBURGO / BOM JARDIM / CACHOEIRA DE MACACU	03	16	09
TERESÓPOLIS / PETRÓPOLIS	04	02	-----
TRAJANO DE MORAES / SÃO FIDELIS / SANTA MARIA MADALENA	11	06	08
ITATIAIA / REZENDE	-----	-----	-----
RIO DE JANEIRO	55	87	148
<b>SUB-TOTAL</b>	158	191	229
<b>TOTAL DE CASOS NO ESTADO</b>	247	287	300

ORGANIZAÇÃO: COMISSÃO DE DEFESA DO MEIO AMBIENTE DA ALERJ/1998; FONTE (1): SECRETARIA ESTADUAL DE SAÚDE/RIO DE JANEIRO; FONTE (2): FUNDAÇÃO NACIONAL DE SAÚDE - FNS; FONTE (3): SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO - SUPERINTENDÊNCIA DE SAÚDE COLETIVA - COORDENAÇÃO DE PROGRAMAS DE EPIDEMIOLOGIA; FONTE (4): INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS - INPE; FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA E INSTITUTO SÓCIO AMBIENTAL - ISA.



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

**RELAÇÃO ENTRE ÁREAS DE DESMATAMENTO E  
DOENÇAS TRANSMITIDAS P/VETORES NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

PRINCIPAIS LOCALIDADES ONDE HOUE DESMATAMENTO DE 1995 A 1997	TABELA 3 NÚMERO DE CASOS AUTÓCTONES DE MALÁRIA 1998 (1º SEMESTRE) TOTAL DE CASOS NO ESTADO: 07
ANGRA DOS REIS / PARATY / BOCAINA	03
FRIBURGO / CACHOEIRA DE MACACU / TERESÓPOLIS	04
ITATIAIA / REZENDE / RIO CLARO	-----

ORGANIZAÇÃO: COMISSÃO DE DEFESA DO MEIO AMBIENTE DA ALERJ/1998; FONTE (1): SECRETARIA ESTADUAL DE SAÚDE/RIO DE JANEIRO; FONTE (2): FUNDAÇÃO NACIONAL DE SAÚDE - FNS; FONTE (3): SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO - SUPERINTENDÊNCIA DE SAÚDE COLETIVA - COORDENAÇÃO DE PROGRAMAS DE EPIDEMIOLOGIA; FONTE (4): INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS - INPE; FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA E INSTITUTO SÓCIO AMBIENTAL - ISA.